



## Chefe de quadrilha por um dia.

VENKATESH, Sudhir  
Rio de Janeiro  
Elsevier/Editora Campus  
2008  
244p.

# Chefe de quadrilha por um dia

José Luiz Ratton, Clarissa Galvão e Thayane Soares

*José Luiz Ratton* é professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco; coordenador do Neps-UFPE (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança da UFPE). ✉ [jl.ratton@gmail.com](mailto:jl.ratton@gmail.com)

*Clarissa Galvão* é bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco; pesquisadora do Neps-UFPE. ✉ [claragalvaocb@gmail.com](mailto:claragalvaocb@gmail.com)

*Thayane Soares* é graduanda em Ciências Sociais pela UFPE; pesquisadora do Neps-UFPE. ✉ [thayane.neps@gmail.com](mailto:thayane.neps@gmail.com)

A tradução para o português de *Gang leader for a day* (*Chefe de quadrilha por um dia*), no mesmo ano do lançamento da obra original em inglês, é digna de nota. Trata-se de um relato construído a partir da memória da etnografia realizada por *Sudhir Venkatesh*, matemático indiano criado na Califórnia, cujo doutorado em Sociologia teve a orientação de William Justus Wilson, na Universidade de Chicago.

O livro é fruto de uma das raras incursões de longa duração de um pesquisador no perigoso e complexo mundo das *gangs*. Venkatesh, hoje professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Columbia, já é conhecido do leitor brasileiro, no capítulo 3 de *Freakonomics*, de Steven Levitt e Stephen Dubner.

Em um dos relatos analíticos mais instigantes da obra de Levitt, a análise da contabilidade de uma “franquia local” de uma organização criminosa, empreendida conjuntamente por Levitt e Venkatesh, soma-se a uma ousada etnografia das redes criminosas de tráfico

de drogas em Chicago realizada pelo segundo, demonstrando a microeconomia da droga e suas conseqüências.

O projeto de pesquisa de seu orientador, que motivou a ida de Sudhir Venkatesh para uma das áreas mais pobres e violentas de Chicago, tinha como objetivo geral entender como jovens negros eram afetados pelas especificidades dos locais onde viviam. A questão central era descobrir se e como fatores ambientais interfeririam nas trajetórias da população estudada. O autor iniciou sua odisséia investigativa, buscando encontrar o ambiente e os sujeitos adequados aos objetivos da pesquisa nos grandes conjuntos habitacionais da cidade. A recepção no *Lake Park*, em Oakland, não poderia ser mais hostil: foi confundido com um membro de uma quadrilha mexicana do *East Side* e passou a noite refém da *Black Kings*, uma das maiores redes criminosas de tráfico de drogas, especialmente *crack* e cocaína, de Chicago.

Este evento foi decisivo para o andamento da pesquisa, permitindo ao autor observar os jovens negros, integrantes da *Black Kings*, em suas atividades corriqueiras e, principalmente, entrar em contato com o líder da facção, J.T., personagem central do livro. Durante a noite em que ficou refém dos *Black Kings*, Venkatesh

pôde testar o seu questionário, aplicando-o ao próprio J.T., que apontou a fraqueza e a insuficiência do instrumento de pesquisa, advertindo que a metodologia adequada para compreender *peessoas como ele* e o contexto no qual estão imersas era acompanhá-las de perto, *andar junto*.

Dias depois, Venkatesh voltou ao *Lake Park* e pediu autorização – concedida por J.T. – para acompanhar a rotina da facção da *Black Kings*. Durante oito meses, o autor, passou a maior parte do tempo com J.T. e alguns dos integrantes mais antigos da *Black Kings*.

Certa ocasião, J.T. precisou realizar uma reunião de trabalho fora do *Lake Park*, no *Robert Taylor Homes*, o maior conjunto habitacional público dos Estados Unidos, e levou Venkatesh com ele. Ao chegar ao *Robert Taylor Homes*, o autor surpreendeu-se com a diferença entre seus prédios e os do *Lake Park*. Não havia ares de abandono, nem eram evidentes a insegurança e a desagregação familiar, comumente atribuídas pela mídia e por alguns estudos acadêmicos como típicos do referido conjunto habitacional. Pelo contrário, o que se destacava na observação era o ambiente familiar e comunitário. Todos, nas imediações onde pôde circular, conheciam e cumprimentavam J.T., que fora ali para acer-

tar a unificação das facções do *Lake Park* com a do *Robert Taylor Homes*.

O convívio intenso com os moradores do *Robert Taylor Homes* também levou Venkatesh a questionar os discursos hegemônicos sobre a sociabilidade nos conjuntos habitacionais. A economia do tráfico de drogas alterava as regras das relações interpessoais, mas não havia a desorganização social largamente associada a tais lugares. Ficou claro para o autor que os habitantes daquele local não se enquadravam na percepção externa e preconceituosa de que seriam pessoas incapazes de ação racional planejada.

Venkatesh observou a constituição e o funcionamento de diversas redes de sociabilidade, cujo fundamento era, em certa medida, um tipo prático de solidariedade, pilar da idéia de comunidade ali propalada. Ele percebeu que o altruísmo das pessoas no *Robert Taylor Homes* estava relacionado, primordialmente, a alianças necessárias à construção de meios informais que suprissem as carências comuns e as lacunas dos serviços estatais. A busca de proteção junto à *gang* e a ajuda mútua que rege as relações de parte das mulheres do conjunto habitacional indicavam também a existência de inúmeras estratégias de construção de um sentido de comunida-

de, compartilhado de formas diferentes por moradores, traficantes, policiais, líderes comunitários, mas que associava, para cada um dos tipos sociais mencionados, combinações específicas de auto-interesse e solidariedade, com vistas à realização de objetivos próprios a cada um dos grupos mencionados.

Certamente, tanto a reciprocidade quanto a cooperação e o respeito às regras oficiosas de conduta orquestradas pelos integrantes do grupo criminoso, pelos líderes comunitários, ou mesmo por ambos concertadamente, não excluíam o conflito, mas tornavam viável um tipo de ordem negociada, que garantia a continuidade da vida social em um contexto complexo e instável.

O grupo criminoso, para funcionar, precisava da convivência de todos: dos moradores, da *Chicago Housing Authority* (CHA), dos políticos locais, etc. As organizações comunitárias, por sua vez, interagem permanentemente com os membros das *gangs*. Alguns líderes dessas organizações viviam de doações pessoais dos chefes de *gang*, pois sua atuação contribuía para dirimir conflitos e disciplinar os jovens ansiosos por provar sua virilidade, o que poderia prejudicar os negócios, uma vez que em períodos de guerra a queda das vendas afetava a todos.

Os clubes – espaços de lazer e de prestação de serviços à comunidade de alguns prédios, nem sempre usufruídos por todos devido à presença da *gang* – tinham, contudo, função latente ainda mais relevante: constituíam-se como espaço de mediação de conflitos entre integrantes das quadrilhas, tarefa esta realizada ora pelos dirigentes do próprio clube, ora por policiais.

J.T. reivindicava-se um filantropo: gabava-se de ter abdicado de seu emprego de vendedor para se dedicar à comunidade, usando o lucro do tráfico para *ajudar os outros*. Ademais, além de obrigar seus subordinados a estudar, emprestava-os aos síndicos para que exercessem tarefas mais nobres: acerto de contas com homens agressores de mulheres, auxílio a idosos, etc.

Diante do exposto, fica clara a complexidade da relação da *gang* com a comunidade: uma combinação de elementos de ameaça e de proteção (da polícia, da política, da violência doméstica, de outras *gangs*, etc).

Foi necessário a Venkatesh estabelecer contatos com outras pessoas centrais na organização do cotidiano local, para obter acesso a informações provenientes de outros atores locais.

Entre eles estava a Srta. Bailey, importante personagem do *Robert Taylor*, que se revelou uma informante valiosa. O temor e a veneração inspirados por esta mulher na comunidade eram motivo de indagação permanente para o pesquisador. A parceria entre a líder comunitária e o chefe da organização criminosa permitiu que o autor compreendesse a natureza das alianças naquela comunidade: motivações altruísticas das lideranças somavam-se a interesses pessoais de manutenção de autoridade. A extorsão, prática comum dos policiais, dos integrantes da *gang* e das lideranças comunitárias em trabalho integrado com as redes criminosas, o suborno de oficiais para a obtenção de serviços e a redistribuição de dinheiro obtido através das drogas tinham pouco resultado na melhoria da vida das pessoas da comunidade.

Outro ator social relevante no *Robert Taylor* entrevistado por Venkatesh foi o oficial Reggie Marcus, policial da área que cresceu sozinho no conjunto. Reggie mantinha relações com os chefes das gangues, no intuito de minimizar a violência e também de apaziguar as relações conflituosas locais. A convivência relativamente harmoniosa entre policiais e integrantes dos grupos criminosos envolvia a permissão dos últimos para a extorsão policial em festas promovidas pelas gangues, ao mesmo tempo em que

a liderança criminosa continuava intocada, o que trazia benefícios para todos.

*Gang leader for a day* é um livro importante e auxilia a preencher a lacuna da inexplicável escassez de pesquisas baseadas em estratégias metodológicas orientadas para a escuta dos criminosos e transgressores, como diria Mike Maguire. Venkatesh vai além: ele anda e vive como o grupo que pesquisa.

Outro tópico digno de menção, no estudo de Venkatesh, é a utilização de relatos e histórias de vida de criminosos **que não estavam presos**. Estes depoimentos foram obtidos, portanto, vivencial e participativamente, no contexto social do crime e da transgressão, fora de instituições prisionais. Estudos realizados com relatos de criminosos aprisionados informam muito mais sobre a organização social das prisões do que sobre a organização social do crime.

Finalmente, à guisa de conclusão, pode ser dito que o livro apresenta, muitas vezes sem enfrentar, uma série de problemas metodológicos de grande relevância para a pesquisa etnográfica dirigida para **atividades ilegais** (ou mesmo para a investigação não-autorizada sobre organizações policiais):

- a discrepância entre os objetivos do pesquisador e dos informantes e os limites na utilização da informação obtida com propósitos diferentes daqueles percebidos pelos “sujeitos” que são “objetos” da investigação. Vale lembrar que J.T. acreditou, durante boa parte do tempo da convivência com Venkatesh, que o sociólogo-matemático escreveria sua biografia;
- a “confiabilidade” da informação obtida por alguém externo ao grupo criminoso ou desviante. O pesquisador, mesmo “aceito” e considerado membro, ainda pode ser visto como “de fora”. Tal fato pode fazer com que relatos e ações daqueles que são “objetos” da pesquisa incorporem boas doses de uma certa performance artificial, seja por motivos pragmáticos de permanência da desconfiança, seja para adequação às supostas expectativas do pesquisador. Venkatesh parece não estar atento a tais questões;
- o acesso à informação sobre atividades ilegais gera um conjunto de dilemas práticos e morais. O principal deles, mais de uma vez reconhecido pelo autor, diz respeito às fronteiras entre moralidades privadas e legalidade. Desta maneira, para tratar apenas de uma das facetas da referida questão, informações obtidas de

forma confidencial e privilegiada pelo pesquisador junto a grupos criminosos podem, de uma forma ou de outra, ser de interesse da Polícia, do Sistema de Justiça, o que submeteria a atividade do pesquisador a constrangimentos éticos de difícil resolução.

A tradição de etnografias sobre crime e transgressão inaugurada pela primeira geração da Escola de Chicago, liderada por Park e Burgess, ou pela segunda geração, cujo emblema é *Outsiders*, de Howard Becker, tem em Venkatesh um legítimo descendente. Note-se, contudo, que nosso autor pouquíssima referência faz a seus antecessores.

*P.S. Optamos nesta resenha, pela manutenção da utilização do termo **gang** em detrimento de quadrilha, solução proposta pelo tradutor, mas que nos parece inadequada.*

**Data de recebimento:** 16/06/2008

**Data de aprovação:** 25/06/2008